

“POBREZA DA IGREJA”: HISTÓRIA E TEOLOGIA DO DOCUMENTO 14 DA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN*



Ney de Souza**

Resumo: *o presente artigo pretende revisitar os antecedentes históricos a fim de compreender os pressupostos teológicos que originaram o Documento 14 da Conferência de Medellín, intitulado “Pobreza da Igreja”. Na sua mensagem radiofônica de 11 de setembro de 1962, João XXIII inovou com a expressão “Igreja dos pobres”. O tema apareceu discretamente nas letras conciliares, mas na II Conferência do Episcopado Latino Americano (1968), realizada em Medellín, na Colômbia, o tema “Igreja dos pobres” foi amplamente debatido e assumido pelos bispos. E 50 anos depois, escutamos ressoar novamente na voz de Pedro: “Quero uma Igreja pobre e pobre para os pobres”.*

Palavras-chave: *João XXIII. Igreja dos Pobres. Medellín. Papa Francisco.*

No atual pontificado do Papa Francisco há um tema teológico e pastoral que chama a atenção, com frescor de novidade, desde o início do seu ministério como Bispo de Roma. É o tema da “Igreja pobre e para os pobres” que divide opiniões no âmbito eclesial, especialmente no campo da reflexão e da discussão teológica. Muitos teólogos, especialmente latino-americanos e alguns europeus, acolhem com muita esperança a ênfase com que o Papa Francisco dá ao tema da pobreza. Enquanto outros setores eclesiais, de linha mais conservadora e concepções tradicionalistas, o recebem com desconfiança. Muitas das vezes associam a opção preferencial pelos pobres com comunismo, socialismo e partidarismos políticos, esvaziando-o do seu cerne evangélico e cristológico. Como faz questão de frisar o pontífice, seja por palavras, gestos, exemplos e, sobretudo, com atitudes que provocam a consciência cristã para uma autêntica renovação da Igreja.

* Recebido em: 07.03.2019. Aprovado em: 17.06.2019.

** Pós-doutor em Teologia (PUC RJ). Doutor em História Eclesiástica (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, registro USP). Professor (PUCSP). *E-mail:* nsouza@pucsp.br

Quando se refere a uma Igreja pobre e para os pobres, Francisco não traz à tona nenhuma novidade ou ao menos não deveria causar qualquer estranheza ou euforia a este respeito. A expressão se origina já bem antes num discurso de seu antecessor, com quem é frequentemente comparado, João XXIII, o “Papa Bom”, canonizado em 27 de abril de 2014 pelo próprio papa argentino. A mensagem radiofônica do Papa João XXIII foi divulgada meses antes do início do Concílio Vaticano II. O seu conteúdo foi retomado com veemência nas sessões conciliares pelo arcebispo bolonhês, o Cardeal Giacomo Lercaro. O tema ficou relegado a “marginalidade” numas poucas linhas que apareceram a seu respeito, de modo muito discreto, nalguns documentos conciliares. Mas um grupo de bispos do assim chamado “Terceiro Mundo” articulou-se na catacumba de Santa Domitila, para firmar um compromisso com a Igreja dos pobres e com os pobres da Igreja e do mundo.

Poucos anos depois da conclusão dos trabalhos do Concílio Vaticano II, o 21º concílio ecumênico da história eclesiástica e, sem dúvida, o maior evento eclesial do século XX, os bispos latino-americanos se reuniram em conferência na cidade colombiana de Medellín, em 1968 (SOUZA, 2018, p. 23-40). Influenciados pelos antecedentes históricos e teológicos do Concílio (SOUZA, 2004, p. 17-67), pelo magistério de Paulo VI e, especialmente, pela análise crítica e concreta da realidade que configurava os anos sessenta no continente. Emergiu da Conferência de Medellín uma renovada ecclesologia que tratou a pobreza como tema transversal, aliada aos temas da justiça e da paz.

E agora, 50 anos depois desta Conferência que traçou os rumos da Igreja no continente latino-americano, é urgente desenvolver, aprofundar e atualizar uma “teologia da pobreza”. Teologia que desemboque numa prática pastoral concreta com os pobres e numa defesa profética dos empobrecidos frente ao sistema político, econômico e cultural vigente. Isto não é apenas pertinente e necessário, mas fundamental e urgente, pois isso diz respeito à renovação eclesial e a dignidade de milhares de pessoas.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS: UMA “IDEIA MARGINAL” RONDA O CONCÍLIO VATICANO II

A pobreza não foi um tema central nos esquemas, nos comitês e assembleias e, posteriormente, nos documentos conclusivos do Concílio Vaticano II (1962-1965). Ainda que não estivesse totalmente excluído do horizonte de reflexão dos Padres conciliares. Alguns fatos históricos antes e durante o Concílio acenaram para a importância deste tema que desabrochou numa perspectiva latino-americana, na Conferência de Medellín. Este era um tema muito caro ao Papa João XXIII, aquele mesmo que surpreendeu o mundo, especialmente o episcopado, com a convocação

do Concílio. Outros bispos também sensíveis ao problema de 2/3 da humanidade, na época, como D. Helder Camara (Recife / Olinda – Brasil) e D. Manuel Larrain (Talca – Chile), se empenharam para que todos os outros pastores e o mundo, por conta da repercussão de tão grande evento eclesial, voltassem seu olhar para o “mundo dos pobres”. E, embora naquele momento não atingissem seu objetivo imediato, plantaram uma semente que floresce até os dias de hoje.

João XXIII e o “Ponto Luminoso” que Brilhou Discreto no Concílio

Numa mensagem radiofônica de 11 de setembro de 1962, na eminente expectativa para a abertura do Concílio Vaticano II, exatamente um mês antes do seu início, João XXIII assinalou que havia, entre outros, um “ponto luminoso” a ser considerado: “Em face dos países subdesenvolvidos a Igreja apresenta-se — tal qual é e quer ser — como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres” (KLOPPENBURG, 1963, p. 301). Na opinião de Maria Cecília Domezi, esta sensibilidade aguçada do pontífice, que se manifestaria também em duas de suas encíclicas sociais, *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) e, deve-se, entre outras coisas, à sua humilde origem camponesa, mas, sobretudo, por causa de sua experiência e prática pastoral (DOMEZI, 2014, p. 22). Era o que se verificaria também por detrás do apelo dos bispos do Terceiro Mundo. Aqueles que conheciam a realidade dos mais pobres entre os pobres, um dos critérios decisivos para abraçar o compromisso com os pobres.

Deste modo, o “Papa Bom” cunhava a inédita expressão “Igreja dos pobres”, unindo duas realidades, aparentemente distantes naquele contexto histórico trágico e esperançoso em que a Igreja buscava o diálogo com o mundo moderno. Este que se recuperava da II Guerra Mundial (1939-1945) e se animava com os progressos técnico-científicos. Embora ainda inserido num cenário de miséria, principalmente nos países do “Terceiro Mundo”, amenizados pela expressão eufêmica “subdesenvolvidos” ou “em vias de desenvolvimento”.

O Cardeal Lercaro Propõe os “Pobres” como Tema Central do Concílio

A mensagem radiofônica de João XXIII (11/09/1962) e o seu discurso de abertura transformou-se praticamente num “texto fonte” para as elaborações posteriores do Concílio. Mas a expressão “Igreja dos pobres” como que ganhou forma e conteúdo teológico e pastoral através da intervenção do arcebispo bolonhês, o Cardeal Giacomo Lercaro (1891 - 1976) durante uma das aulas conciliares, tendo um papel relevante entre os 3.060 Padres conciliares (ALTEMEYER JÚNIOR, 2015, p. 540), como também de outros bispos e personalidades que atuavam, sobretudo, nos bastidores do Vaticano II.

No discurso proferido no dia 6 de dezembro de 1962, ao longo da II Sessão do Concílio, Lercaro defendeu a centralidade dos pobres na reflexão sobre o mistério de Cristo e da Igreja (*ad intra*) e na evangelização (*ad extra*). Inaugurava, assim, uma nova “teologia da pobreza” (ALTEMEYER JÚNIOR, 2015, p. 540). Segundo suas próprias palavras: “uma nova consciência eclesial deve emergir do lugar teológico dos pobres” (p. 540) para a auto compreensão da Igreja, a renovação eclesial, a credibilidade da instituição e infundir um novo vigor missionário. “Esta é a hora dos pobres” e a “Igreja, mãe dos pobres [...] serve a Cristo, servindo aos pobres, honrando e servindo ao Cristo pobre” (p. 541). Naquele horizonte de leitura dos “sinais dos tempos”, que não tratava de eventos catastróficos, mas de realidades concretas onde se manifestava a presença de Deus na história, o tema da “Pobreza da Igreja” era para o mencionado Cardeal uma pedra de toque e deveria ser o centro nevrálgico, como um “princípio unificador e vivificador de toda a eclesiologia do Concílio”. Apesar de muito aplaudido na aula conciliar, a proposta do Cardeal Lercaro não atingiu o objetivo proposto. Foi discretamente acolhida em alguns documentos do Concílio como o nº 8 da *Lumen gentium* e na *Gaudium et spes* (BEOZZO, 2015, p. 12).

Os Bispos do “Terceiro Mundo” e o Compromisso com a Pobreza e com os Pobres

Entre as diversas comissões (SOUZA, 2015, p. 159-162) oficiais e grupos informais do Concílio Vaticano II, merece destaque especial um grupo cuja principal preocupação era a evangelização dos pobres, tanto que foi denominado “Igreja dos Pobres”. Formado por aproximadamente oitenta bispos, sendo vinte latino-americanos (dezesseis do Brasil), este grupo atuava às “margens” do Concílio. Um dos seus intuítos era criar um “Secretariado da Pobreza” a fim de que este tema fosse amplamente discutido nas sessões conciliares. Fazia parte deste grupo o Cardeal Lercaro, entre outros bispos, com destaque para o brasileiro Dom Helder Câmara, um dos expoentes dos bispos do Terceiro Mundo que denominou o grupo de “sagrado *complot*”. Apesar de todos os esforços empreendidos, o grupo não conseguiu colocar o tema da Igreja dos pobres no centro da reflexão do Concílio. Mas algumas temáticas discutidas entre os bispos das diversas realidades de subdesenvolvimento e pobreza transpareceram na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, que trata do diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo (DOMEZI, 2014, p. 32; 34).

As discussões, reflexões e ações do grupo que visavam conscientizar os demais bispos da situação de subdesenvolvimento que affligiam 2/3 da humanidade. Além de algumas discretas conquistas, embora muito aquém da expectativa e desejo dos seus membros, culminou no *Pacto da Igreja servidora e pobre*, o assim chamado “Pacto das Catacumbas”.

A três semanas do encerramento do Concílio Vaticano II, nas Catacumbas de Santa Domitila, na periferia de Roma, de maneira discreta, um grupo de padres conciliares celebrou a Eucaristia sobre o túmulo dos mártires Nereu e Aquileu e assinou um compromisso de vida, trabalho e missão que ficou conhecido como Pacto das Catacumbas (BEOZZO, 2015, p. 9).

Aproximadamente quarenta bispos participaram da celebração eucarística e em torno de quinhentos bispos (20% dos 2.500 Padres conciliares) assinaram no dia 16 de novembro de 1965 um termo que constava de treze compromissos. Redigidos em doze parágrafos contundentes, que apontavam as deficiências do episcopado na vivência da pobreza evangélica e representavam um caminho de conversão para com os pobres. Segundo Beozzo, uma das atitudes mais importantes para chegar aos pobres era abandonar o que denominou de “luxo episcopal” e de toda pompa e honra que afastava os bispos das pessoas, sobretudo dos pobres, a fim de que os pastores cada vez mais se identificassem com o seu rebanho (BEOZZO, 2015, p. 9). É o que o Papa Francisco chama atualmente de “pastores com cheiro de ovelha”. Domezi, por sua vez, resume o compromisso dos bispos em três vias de conversão na vida pessoal; na vida eclesial, ministerial e pastoral e; na ação caritativa e social (DOMEZI, 2014, p. 40-1). O que num primeiro momento poderia parecer o entusiasmo momentâneo de um grupo repleto de ideais, trata-se de uma reflexão amadurecida ao longo das quatro sessões conciliares. E também de um compromisso assumido para implantar e adaptar o Vaticano II às realidades locais das dioceses localizadas nas periferias do mundo.

Apesar de discreto e não oficial, despojado e bem discernido, o “pacto” pode ser bem considerado como uma iniciativa notadamente ousada (DOMEZI, 2014, p. 37). Posteriormente, “inspirou as conferências do episcopado latino-americano-caribenho em Medellín [1968] e Puebla [1979], que consagraram a opção dessa Igreja local pelos pobres” (p. 39).

PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS: O PARADIGMA ECLESIOLOGICO DA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN

A II Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968, na cidade colombiana de Medellín, de modo análogo ao Concílio Vaticano II para a Igreja universal, é considerado o maior evento eclesial do continente latino-americano (GODOY; AQUINO JÚNIOR, 2017, p. 7). O tema da Segunda Conferência demonstra o desejo de colocar a Igreja no continente latino-americano em consonância com a realidade local e sob a perspectiva conciliar: *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio.*

Segundo Dom Manuel Larraín, o então presidente do CELAM e bispo de Talca no Chile, esta recepção do Vaticano II não deveria ser uma aceitação passiva de um Concílio. Embora ecumênico e amplamente participado pelos bispos do Terceiro Mundo subdesenvolvido, estivesse ainda muito impregnado da visão eurocêntrica da Igreja e do mundo. Era preciso “estar atentos aos nossos próprios sinais dos tempos” e de maneira criativa fazer uma releitura do Concílio “à luz do submundo dos pobres e oprimidos do continente” (GODOY, 2015, p. 211). Esta é uma das principais novidades de Medellín que foi desenvolvida ao longo das outras conferências com maior ou menor ênfase e sustentada teoricamente pela Teologia da Libertação: “a situação dos pobres do continente como centro de todos os processos de evangelização e de libertação entre os latino-americanos” (GODOY, 2015, p. 211).

A Conferência de Medellín representa a recepção criativa do Vaticano II, mas adaptada aos povos latino-americanos e, no que diz respeito ao tema da pobreza, é até mais avançado. No dizer de Dom Pedro Casaldáliga, “Medellín foi, sem dúvida, o Vaticano II da América Latina. Mais avançado que o Vaticano II, porque no Vaticano II a opção pelos pobres foi de uma minoria, quase clandestina” (CASALDÁLIGA *apud* GODOY; AQUINO JÚNIOR, 2017, p. 7). Essa “minoria” a que se refere o bispo emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT) são os bispos signatários do “Pacto das Catacumbas” que, quando comparado com o Documento 14 de Medellín – *Pobreza da Igreja* – é evidente a sua influência. Segundo Ferraro: “Sem dúvida alguma, este Documento [Med (Medellín) 14] foi influenciado pelo Pacto das Catacumbas” que “acabou inspirando os bispos presentes em Medellín” (FERRARO, 2017, p. 247).

Quando Casaldáliga se refere a Medellín como um avanço em relação ao Vaticano II acerca dos pobres também é possível intuir que isso se refere à preferência do Concílio em tratar a pessoa humana num aspecto mais amplo e geral, como que explorando mais a sua essência metafísica. A Conferência dos Bispos latino-americanos compreendeu tal pessoa humana enquanto sujeito histórico concreto, inserido numa realidade de pobreza e de extrema miséria, o que representa uma situação desumana. Nesta perspectiva reclamar pelos direitos dos pobres significa, sobretudo, reivindicar a sua dignidade enquanto pessoa humana. Deste modo, o tema da pobreza tratado em Medellín é um resgate acerca da pessoa humana segundo a perspectiva do Concílio, contudo, conforme a realidade latino-americana.

Contemplando este mesmo horizonte, também a eclesiologia conciliar do Povo de Deus ganhou na Conferência de Medellín um contorno que procurou resgatar a dignidade dos pobres como membros que merecem um olhar encarnado, solidário e profético da Igreja no continente. Apesar de “sumamente importante para que se pudesse chegar à noção e à realidade de Igreja dos pobres”, o Concílio

Vaticano II “não chegou a definir claramente o laço entre a Igreja e os pobres” (COMBLIN, 2002, p. 100). A expressão *Igreja dos pobres*, tão querida a João XXIII e defendida pelo Cardeal Lercaro como tema principal do Concílio, mas que não prosperou como desejava o Grupo “Igreja dos Pobres”. E “acabou sendo retomada na América Latina, na qual se situou o centro da eclesiologia. A Igreja dos pobres diz o que há no povo de Deus, mas acrescenta algo fundamental: esse povo é o povo dos pobres” (COMBLIN, 2002, p. 98). Segundo Comblin, diferente da Europa, a expressão “povo de Deus” na América Latina está diretamente associada ao “povo dos pobres” que representam a maioria da população (p. 105). Enquanto que a elite, representada pelos ricos e poderosos, não pode estar vinculada ao povo, pois atua como um agente externo que o oprime.

De modo análogo ao Concílio, a Segunda Conferência também elaborou 16 documentos divididos em três blocos temáticos – 1. Promoção Humana; 2. Evangelização; 3. A Igreja visível e suas estruturas – tendo três temas transversais a todos os documentos. São eles: Justiça, Paz e Pobreza da Igreja. O documento que trata exclusivamente da relação entre a Igreja e os pobres, especialmente da atuação dos pastores em relação aos empobrecidos, é o “Documento 14” intitulado “Pobreza da Igreja”, que consta de dez parágrafos, sendo um dos mais marcantes de toda a Conferência. A partir do método “ver-julgar-agir”, que integra a visão da realidade, a reflexão teológica e a projeção pastoral, o documento final foi elaborado em três partes: I. Realidade latino-americana; II. Motivação doutrinal e III. Orientações pastorais.

Ver: realidade latino-americana e caribenha

A partir da análise da realidade dos povos da América Latina e do Caribe, os bispos reunidos em Medellín constataram três aspectos intimamente conectados: 1º. Uma situação de injustiça estrutural; 2º. A violência institucionalizada; 3º. Uma realidade de pobreza e miséria generalizada. O contexto de pobreza não é ocasional ou apenas circunstancial, mas trata-se de um problema estrutural a níveis econômicos, sociais e políticos (FERRARO, 2017, p. 250). Além disso, a pobreza é qualificada como “extrema”, dolorosa, desumana, fruto de “tremendas injustiças” que se manifesta em rostos concretos de pessoas humanas aviltadas em sua dignidade, pois não tem seus direitos garantidos, respeitados e viabilizados.

Os bispos também constataram a descomunal desigualdade que há entre ricos e pobres. Enquanto alguns poucos acumulam riquezas e endossam os seus ganhos e patrimônios, milhares não apenas são pobres, mas ficam cada vez mais empobrecidos até atingir a condição de miseráveis. A principal causa de tal dis-

crepância, que perdura até o momento, é a atual economia de exclusão e desigualdade (EG, 53). Assentada num pretenso progresso técnico-científico e no capitalismo selvagem e depredador que transformou o lucro e o dinheiro num “ídolo” e a pessoa humana num “produto” sujeito aos interesses de uma classe minoritária, porém dominante sob uma parcela majoritária de pobres. Tal enriquecimento desgovernado e ilícito de alguns se deve, entre outras razões, ao empobrecimento de milhares.

A constatação mais desconcertante é a terrível contradição do continente mais católico do mundo, ao menos numericamente, ser um dos mais injustos e pobres do mundo (DAp, 527). O que significa, entre outras razões, que o cerne do cristianismo ainda não atingiu e transformou as estruturas sociais e eclesiais. Mas antes de ser uma crítica às estruturas de governo, inserido na parte III das Conclusões de Medellín, que trata da “Igreja visível e suas estruturas”, o Documento 14 é, em primeiro lugar, uma crítica ao estilo de vida burguês de bispos e padres (FERRARO, 2017, p. 252). E também uma denúncia da aliança com os ricos que pode ser identificado, por exemplo, no patrimônio material, na ostentação e no sigilo exagerado, quando não criminoso, acerca da movimentação econômica (Med 14,2). Contudo, nem tudo são críticas, mas reconhece-se também a existência de muitas paróquias e dioceses pobres e o testemunho dos religiosos junto aos pobres. Mas tanto bispos, padres e religiosos, cujo sustento e assistência são garantidos pela instituição eclesial, ainda precisam dar passos decisivos em relação à identificação com os pobres e as suas causas. Esse processo ocorrerá somente a partir de um movimento interno e externo de conversão, opção, proximidade e amizade junto dos pobres.

Julgar: motivação doutrinal / teológica

O princípio evangélico é o fundamento doutrinal do Documento 14 da Conferência de Medellín. A opção pelos pobres é iluminada pelas palavras e exemplos de Jesus de Nazaré. O compromisso com os pobres se fundamenta na fé em Jesus Cristo, como afirmou Gustavo Gutiérrez, considerado o “pai” da Teologia da Libertação, e confirmou o Papa Bento XVI no discurso de abertura da Conferência de Aparecida (2007) ao apresentar a fé cristológica como fundamento teológico da opção pelos pobres:

a razão definitiva do compromisso com os pobres e os oprimidos não está na análise social que utilizamos, nem na experiência direta que podemos ter da pobreza, ou na nossa compaixão humana. Todos estes são motivos válidos que têm, sem dúvida, um papel significativo na vida e na solidariedade. No entanto,

enquanto cristãos, esse compromisso se baseia fundamentalmente na fé no Deus de Jesus Cristo (GUTIÉRREZ apud MÜLLER, 2014, p. 16).

a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9) (BENTO XVI, Discurso inaugural da V CELAM, 3).

No horizonte teológico, a opção pelos pobres, oriunda da longa tradição bíblica (exod, profética, sapiencial, evangélica) e patrística é uma opção teocêntrica, cristocêntrica e pneumocêntrica, como também mariológica, e presente desde a origem das primeiras comunidades cristãs (FERRARO, 2017, p. 255). Na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco trata a “preferência divina” pelos pobres como uma categoria teológica que, latente no Concílio Vaticano II e explícita na Conferência de Medellín, têm as suas consequências na vida cristã (cf. EG 197). A opção pelos pobres “trata-se de uma opção não opcional” (MÜLLER, 2014, p. 112), de uma exigência, compromisso e missão que nasce da fé em Jesus Cristo.

Para contemplar Cristo nos pobres (cf. Mt 25,40) é preciso ter um olhar de fé. Segundo a LG 8, os pobres refletem o rosto sofredor de Cristo que questiona, interpela, desconcerta, desafia e exige conversão pessoal, eclesial/pastoral e social. Diante do “surdo clamor” que sobe do mundo dos pobres, especialmente aos pastores (Med 14,2), a Igreja não pode permanecer indiferente.

Olhando para a realidade da maioria dos povos da América Latina e Caribe, que sofrem em sua carne as marcas do abandono e da desolação a Igreja se vê provocada a assumir sua causa e a colocar todas as energias na defesa da vida e na busca de justiça. Sente-se convocada a trabalhar junto com os pobres e a colocar seus bens a serviço deles, não a partir de uma posição de força e de poder, mas na perspectiva do serviço solidário e misericordioso como Igreja samaritana e servidora. Como Jesus de Nazaré, a Igreja é convidada a fazer opção pelos pobres e a colocar-se junto dos pobres, sofrendo com os pobres, e combater a miséria que destrói a possibilidade da vida (FERRARO, 2017, p. 246-7).

A pobreza é um problema complexo que não pode ser reduzido apenas à esfera do econômico (MÜLLER, 2014, p. 113). Embora quando tratam dos pobres, os bispos estejam pensando concretamente nas pessoas carentes de recursos e oprimidas pelo sistema, em “todos aqueles que estão privados dos bens materiais necessários para uma existência digna” (WANDERLEY apud PIXLEY; BOFF, 2015, p. 743). Por isso, entre os vários aspectos associados a este fenômeno, o Documento também faz uma distinção entre três tipos de pobreza. São elas: 1)

Pobreza material: a carência de bens e recursos materiais; 2) Pobreza espiritual (evangélica): espírito de desapego e atitude de abertura ao Senhor; 3) Pobreza voluntária: a partir do seguimento de Cristo, assumir um compromisso efetivo com os pobres (Med 14,4). Embora o modo de viver a pobreza seja variado, o chamado à pobreza evangélica destina-se a todos os membros da Igreja (Med 14,5). E, além disso, para que tal atitude não caia numa pura abstração, a Igreja precisa assumir uma postura profética de vivência da pobreza que se traduza em testemunho de solidariedade, anúncio da dignidade dos pobres e combate a todas as formas de injustiça e opressão (Med 14,6).

Agir: orientações pastorais

As orientações pastorais de Medellín se fundamentam em quatro bases – preferência, solidariedade, testemunho e serviço – e na coerência entre ação evangelizadora e solidariedade eclesial. O caráter eminentemente prático deste capítulo confere-lhe uma maior extensão em relações aos outros dois anteriores. Ele salienta a presença da Igreja junto aos mais pobres, o que significa assumir suas causas e lutas; a denúncia das injustiças; o combate à opressão e; a promoção humana (Med 14,8).

Outro ponto fundamental é o testemunho junto aos pobres (Med 14,9) que significa assumir o jeito de ser e viver dos pobres num estilo de vida simples e de modesto teor na habitação, na alimentação, no vestuário, no transporte, enfim, nas coisas do cotidiano. E ainda, no tratamento simples e direito que viabilize a proximidade e o encontro entre os pastores e os fiéis, entre o bispo e o povo; na experiência do trabalho; na administração dos bens orientada pela transparência e clareza; na inserção dos leigos. A Igreja servidora e pobre não ambicionará para si nem reconhecimento público nem exercício de poder enquanto dominação. Livre das amarras do poder e da riqueza temporal realizará um serviço efetivo aos pobres (solidariedade), junto dos pobres (presença) e pelos pobres (promoção da justiça), tornando-se um sinal claro e inequívoco do Cristo pobre (cf. Med 14,10).

Assim, a missão da Igreja no continente latino-americano não deve ser apenas de assistência ou beneficência, mas de presença junto aos pobres (MANZATTO, 2018, p. 330) para, então, provocar uma transformação das estruturas sociais. A Igreja ainda representa uma esperança para os pobres. E o contrário também é válido! Assumir a opção pelos pobres ainda é uma esperança para a renovação da Igreja. É desde o seu interior que a Igreja pode dar exemplo e exigir alguma coisa da sociedade. A partir do seu testemunho de credibilidade, quando a instituição se transformar em sinal autêntico do Reino de Deus e se transformar numa força de resistência pacífica e corajosa ao anti-reino.

Na Conferência de Medellín, os pobres não são tratados como objetos de complacência, mas como sujeitos ativos de transformação, pois indicam um novo modelo eclesial e social (FERRARO, 2017, p. 252). Baseado na simplicidade, solidariedade e justiça que caracterizam um autêntico discípulo-missionário de Jesus Cristo. Como sujeitos sociais e eclesiais, os pobres “indicam a necessidade de mudanças estruturais na sociedade e também na Igreja e apontam para a possibilidade de um outro mundo possível” (FERRARO, 2017, p. 266). Segundo o método ver-julgar-agir, Medellín avaliou as causas e consequências da pobreza e da miséria, incentivou a ações emergenciais e pretendeu atacar as causas desse mal a fim de propor a conversão das estruturas (FERRARO, 2017, p. 258). “A solidariedade para com os pobres leva à denúncia da injustiça e da opressão e exige resolver as causas estruturais da pobreza” (p. 259), pois não é possível trabalhar pela evangelização dos pobres e negligenciar os problemas sociais.

Desta forma, se pode qualificar Medellín 14 como um texto breve e contundente, espiritual e humano, realista e idealista, menos teórico e mais prático. E a partir da visão analítica da realidade, se pretende refletir brevemente o que significa a opção pelos pobres (dimensão teológica), a presença da Igreja pobre entre os pobres (dimensão pastoral) e a missão eclesial frente ao fenômeno do empobrecimento (dimensão profético-social).

CONCLUSÃO

Ainda que o Papa João XXIII não tenha oferecido amplas explicitações sobre o que quis dizer com a expressão “Igreja dos pobres”, se pode conjecturar hermenêuticamente algumas possibilidades. Quando diz “a Igreja é e quer ser a Igreja de todos”, o pontífice poderia estar manifestando que, na sua essência, originalmente, a Igreja é de todos. Mas que ainda necessita ser, isto é, vive numa tensão entre o que é chamada a ser e aquilo que fato é. O modo como se apresentava, até então, não era o mais adequado para manifestar a sua verdadeira identidade forjada e configurada em Cristo. Com isso, o Papa faz eco ao desejo de abertura da Igreja para a acolhida e o diálogo fraterno com todas as pessoas. Isto não por uma simples simpatia ou empatia com o mundo após os episódios de condenação do modernismo, por exemplo, notório em pontificados anteriores, mas porque isso compromete aquilo que a Igreja é em si mesma. E também aquilo que foi chamada a fazer, ou seja, se trata do seu “ser” e “fazer”, da sua natureza e da universalidade da sua missão. A Igreja vive nesta tensão que compreende a sua razão de ser e de existir no mundo. Trata-se de uma realidade de processo: a Igreja é e quer ser! (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 31). Mas a isto o pontífice acrescenta uma particularidade ao

completar a sua expressão com o termo “Igreja dos pobres” e cita explicitamente o contexto desta fala que são os países subdesenvolvidos, sobretudo os que estão fora da Europa e/ou da porção norte que ocupam o globo terrestre.

No âmbito eclesial o termo *ecclesia pauperum* (Igreja dos pobres), segundo Alberto Parra, é uma apresentação da fisionomia da Igreja segundo o mistério de Cristo pobre e o mistério da Igreja e os pobres. Mas para ser a Igreja dos pobres, antes a Igreja precisa ser *ecclesia pauper* (Igreja pobre). Numa íntima identificação com a pessoa de Cristo, a Igreja busca apresentar-se como ela é, ou seja, na sua essência, na sua constituição mais íntima (PARRA, 1984, p. 107), manifestando-se como *alter Christi* (“outro Cristo”). Ser Igreja dos pobres também é uma das suas exigências no mundo de hoje, que não é outra coisa senão o desdobramento da missão de Cristo que se fez pobre (2Cor 8,9) e veio para evangelizar os pobres (Lc 4,18), tornando “primeiros” aqueles que sempre foram tratados como “últimos” (Mt 20,16). Todavia, esta não é uma expressão tranquila, bem aceita ou suficientemente compreendida, nem naquela época e parece que até nos dias de hoje. Necessita de um renovado e atualizado entendimento, pois questiona, sobretudo, o vértice tradicional da instituição eclesiástica segundo os critérios do testemunho evangélico.

50 anos depois... a Conferência de Medellín “continua sendo um farol para a Igreja latino-americana e caribenha” (FERRARO, 2017, p. 266). Marca o nascimento da “Igreja dos pobres” no continente latino-americano (MANZATTO, 2018, p. 333) tornando-se, assim, um novo “paradigma eclesiológico”, “uma marca característica da fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha e a partir dela vai imprimindo esta nota para a Igreja do mundo todo” (FERRARO, 2017, p. 263). Assim como foi desejado pelo Papa João XXIII desde antes do Concílio Vaticano II e buscado pelos bispos que encararam e encarnaram a realidade dos povos subdesenvolvidos: “a Igreja de todos [...] a Igreja dos pobres”.

Quando o Papa Francisco retoma o desejo de uma Igreja pobre para os pobres, pensa numa Igreja pobre enquanto aquela que confia inteiramente no Senhor e não coloca sua esperança nos bens terrenos. Uma Igreja pobre enquanto desapegada do desejo patológico de poder, do clericalismo e do carreirismo. Uma Igreja pobre significa uma Igreja não aliada aos poderosos deste mundo nem uma Igreja alienada e alheia à realidade social. Uma Igreja pobre que vença a tentação da ostentação e viva a simplicidade do Evangelho. Uma Igreja pobre que se esforça por ser coerente e autêntica entre aquilo que prega e que vive. Uma Igreja pobre que não se sinta atraída pelo poder político nem pelo poder midiático, mas que cada vez mais na periferia e afastada do centro do poder, possa assumir a pobreza como forma de recuperar a sua originalidade evangélica.

Assim, apenas uma “Igreja pobre” é que pode se tornar uma “Igreja para os pobres”. Uma Igreja que vive a Encarnação do Verbo também nas realidades sociais e

marginais. Igreja que está em estado permanente de missão, de saída, que se coloca a caminho de todas as periferias do mundo sem medo de se machucar, de enlamear ou de se perder, pois sabe que se coloca ao encontro do Senhor na pessoa do pobre que assume tantas faces diversas. Uma Igreja para os pobres é aquela que está sempre de portas abertas para acolher com ternura, sem condenar, mas corrigindo e curando não com o remédio amargo da severidade, mas com o unguento salutar da misericórdia. Uma Igreja para os pobres é aquela que escuta o surdo clamor dos pobres e se torna o seu porta-voz na busca, na luta, na defesa e na promoção da justiça. Incomodando oportuna e importunamente os chefes deste mundo. Provocando e iluminando as consciências para um agir cada vez mais humano que reconheça a dignidade inalienável da pessoa humana.

“POVERTY OF THE CHURCH”: HISTORY AND THEOLOGY OF DOCUMENT 14 OF THE MEDELLÍN CONFERENCE

Abstract: *the present article intends to revisit the historical antecedents in order to understand the theological presuppositions that originated Document Medellín Conference, entitled “Poverty of the Church”. In his radio message of September 11, 1962, John XXIII innovated with the expression “Church of the poor.” The theme appeared discreetly in the conciliar letters, but in the Second Conference of the Latin American Episcopate (1968), held in Medellín, Colombia, the theme “Church of the poor” was widely debated and assumed by the bishops. And 50 years later, we heard Peter echo again: “I want a Church that is poor and poor for the poor.”*

Keywords: *John XXIII. Church of the Poor. Medellín. Pope Francis.*

Referências

ALTEMEYER JÚNIOR, F. Lercaro, Giacomo. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2015.

AQUINO JÚNIOR, F. de. *Igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018.

BENTO XVI. Discurso inaugural da V Conferência, Aparecida, 13/05/2007. In: CELAM. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus / Paulinas / CNBB, 2007.

BEOZZO, J. O. *Pacto das catacumbas: por uma Igreja servidora e pobre*. São Paulo: Paulinas, 2015.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968*. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1998.

- COMBLIN, J. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.
- DOMEZI, M. C. *O Concílio Vaticano II e os pobres*. São Paulo: Paulus, 2014.
- EVANGELII GAUDIUM (EG), Papa Francisco. São Paulo: Edições Paulinas, 2013.
- FERRARO, B. Pobreza da Igreja. In: GODOY, M.; AQUINO JÚNIOR, F. de. (org.). *50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- GODOY, M. de. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.
- GODOY, M.; AQUINO JÚNIOR, F. de. (org.). *50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- KLOPPENBURG, B. *O Concílio Vaticano II*. Vol. II, 1. sessão. Petrópolis: Vozes, 1963.
- MANZATTO, A. Pobreza da Igreja. In: SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. *Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MÜLLER, G. L. *Pobre para os pobres: a missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- PARRA, A. *De la Iglesia misterio a la Iglesia de los pobres*. Pontificia Universidad Javeriana. Facultad de Teología. Cuadernos de Teología nº 7, 1984.
- SOUZA, N. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATO, V. (org.). *Concílio Vaticano II, análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SOUZA, N. Comissões Preparatórias. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.
- SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. (org.). *Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- WANDERLEY, L. E. W. Pobres. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.